



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

GRANDE SERTÃO: VEREDAS E A GRANDEZA CANTÁVEL: MÚSICA E PALAVRA ESCRITA, SIGNIFICAÇÕES E PRODUÇÕES DE SENTIDO

Autores: CÍCERO FERREIRA PINTO NETO, TELMA BORGES DA SILVA

INTRODUÇÃO

Estimulados pela valiosa relação entre música e literatura, buscamos, ao longo de nosso estudo, explicitar por meio da teoria semiótica as relações existentes entre o romance *Grande sertão: veredas* e a cantata cênica, ainda inédita, *Ser tão dentro da gente*, de autoria de Raul do Valle, músico e professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo e professor do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, apresentando o romance e a cantata na perspectiva da musicalidade. Para isso, levamos em consideração, em se tratando da cantata, as partituras que já foram compostas (linha melódica), parte instrumental e textual (palavras-chave e coro), bem como a produção de sentido provocada pela massa sonora. No que concerne ao romance, procuramos evidenciar em que medida a cantata conseguiu traduzi-lo, além de apontarmos para a musicalidade que subjaz às palavras, traço marcante do escritor de Cordisburgo.

Na escrita rosiana percebe-se uma fricção do significante com o referente, gerando dessa forma uma musicalidade sensível. Durante nosso percurso de estudo, percebemos que essa relação torna-se possível devido a algumas características peculiares na escrita do autor, como o uso de maior número de consoantes na produção de uma língua própria ao romance, além da presença de rimas, aliterações, assonâncias, dissonâncias e onomatopeias. Dessa maneira, une-se à forma gráfica a forma musical, e então as estratégias empregadas na maneira de escrever produzem mais expressividade, criando uma música “subjacente.” Se somarmos ainda a esses fatores a forma poética de escrita, a intenção do autor explicitada em suas entrevistas com os tradutores em “atender ao ritmo, à música” das palavras, a íntima relação de Riobaldo com a *Canção de Siruiz*, que permeia toda travessia do jagunço na obra, como se fosse sua trilha sonora, a forma de construção do romance que se assemelha à forma sonata, além das várias peripécias e histórias, nos é permitido fazer uma leitura do romance como uma grande canção.

MATERIAL E MÉTODOS

O desejo de se propor um diálogo, reside justamente no alto grau de riqueza e nas inúmeras possibilidades de interpretação que *Grande sertão: veredas* oferece, possibilidades que transcendem os limites da linguagem. Em um ambiente como o sertão, onde tudo produz significado e linguagem, adotamos a semiótica para nos apoiar no deciframento dos signos e produção de sentido. Para tal, utilizamos Julio Plaza e Lucia Santaella nos elucidando quanto às formas plurais de linguagem e comunicação que não, necessariamente, estejam vinculadas à língua falada ou escrita, bem como as teorias de Charles Peirce e a relação triádica dos signos. Recorremos também a Ferdinand de Saussure e uma de suas dicotomias: significado/significante. Realizamos leituras bibliográficas referentes ao tema buscando apoio em Gabriela Reinaldo (2005), José Miguel Wisnik (1989), Heloísa Maria Murgel Starling (2010), Augusto de Campos (1974), Fernanda Nayanne Barbosa e Alves (2012), Solange Ribeiro de Oliveira (2003), Flávio Barbeitas (2007), Murray Schafer (1997), Patrícia Lima Martins Pederiva (2009), André Vinícius Pessoa (2006), entre outros.

Desde o ano do seu lançamento, em 1956, o romance *Grande sertão: veredas* tornou-se um marco, um divisor de águas na história da literatura nacional. Além de criar uma linguagem dentro de uma atmosfera completamente diferente de tudo que já havia sido feito até então, e dialogar com os mais variados saberes, como Filosofia, História, Biologia, Literatura e outros, o livro traz em sua abordagem a problematização dos grandes incômodos que atormentam o homem: quem sou eu? Quem é você? Deus existe? Existe o diabo? O homem é bom? O que é o bem? O que é o mal? Sendo assim, uma obra dessa magnitude desperta interesses nas diversas esferas do conhecimento, tais como música, pintura, teatro, literatura, fotografia, cinema, dentre outras. O romance do escritor de Cordisburgo é considerado por renomados críticos, pesquisadores e estudiosos como uma espécie de prosa que recebe considerável teor poético cantável. Em entrevistas com seus tradutores, Rosa nunca escondeu uma de suas maiores preocupações ao escrever seus textos: a intenção de expandir a palavra no eixo de significado, a partir de estruturas que lhe são adjacentes, como o som, por exemplo. A forma de tratar as palavras com essa importância musical, dando a elas significados para além do que realmente representam, tirando-as do lugar comum, das mesmas prateleiras de sempre, esse deslocamento através do som, também interessa a esta proposta de trabalho.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

A cantata cênica pode ser considerada como um evento amplo: composta em 03 movimentos para coro misto, solistas, coro infantil, orquestra sinfônica, órgão, instrumentos típicos e/ou regionais (viola caipira, berrante, pandeiro, rabeca, entre outros), fita magnética, efeitos visuais/multimeios, narrador, atores e bailarinos. Além da música (temas do coro, temas dos motes, tema dos tempos, aboio dos tempos e temas recorrentes), existem ainda outros fatores que contribuem para o aumento da produção de sentido, tornando-a assim rica em substância sonora, visual, gestual, entre outras, o que corrobora com a idéia de que o romance de Rosa e o Sertão norte mineiro são, ambos, uma grandeza cantável. Por isso a capacidade de composição dos autores que, ao executarem os movimentos da cantata, são capazes de provocar no ouvinte reações/sensações inesperadas, como: tensão, ansiedade, relaxamento, ódio, amor, vingança, vida e morte, partindo de parâmetros de som; como timbre, intensidade, duração e altura. Na relação intersemiótica, no que tange à cantata, temos no plano de expressão musical quatro tempos, cada um sendo representado por uma cor (vermelha, azul, verde e marrom), com cada cor dialogando com um momento marcante do romance. Os compositores direcionam a produção de sentido de cada tempo com palavras-chave que suscitam no leitor imagens e sensações, fornecendo o que deve ser recitado na gravação (recursos multimeios), letra a ser cantada pelo coro, a forma de execução da viola caipira, a melodia do cantador, a ambientação sonora, bem como quais instrumentos devem ser utilizados em cada tempo. A parte temática da cantata é estruturada em quatro ciclos denominados tempos: tempo vermelho, tempo azul, tempo verde e tempo marrom, em que cada tempo dialoga com momentos específicos do romance. Morte, vida, vingança, guerra, paz, sangue, demônio, Deus, amor, ódio, são sensações despertadas através da ação dos instrumentos, pelo cantar do coro, pelo rasqueado da viola, pelo aboio solitário do sertanejo. Diante da transformação do romance, em cantata cênica (peça musical), pretendemos investigar o processo de tradução intrasemiótica e intersemiótica, que envolvem as duas estruturas.

CONCLUSÃO

Estimulados pela valiosa relação entre música e literatura, buscamos, ao longo de nosso projeto, explicitar por meio da teoria semiótica as relações existentes entre o romance *Grande sertão: veredas* e a cantata cênica *Ser tão dentro da gente*, apresentando o romance e a cantata na perspectiva da musicalidade. Para isso, levamos em consideração, em se tratando da cantata, das partituras que já foram compostas (linha melódica), parte instrumental e textual (palavras-chave e coro), bem como a produção de sentido provocada pela massa sonora. No que concerne ao romance, procuramos evidenciar em que medida a cantata conseguiu traduzi-lo, além de apontarmos para a musicalidade que subjaz às palavras, traço marcante do escritor de Cordisburgo.

Por sua vez, a cantata cênica, além de todo o aparato musical, buscou também traduzir a obra nomeando os quatro movimentos em cores: vermelho, azul, verde e marrom; em que procurou, através dessas cores, estabelecer diálogo com os momentos mais marcantes da romance. Durante o percurso, coube-nos fazer a aproximação da cantata e da obra escrita, demonstrando, através da semiótica, como os signos linguísticos cresceram apontando para novas significações e produções de sentido.

Nessa medida, nos foi possível aproximar música e palavra escrita, apontando para outras significações e produções de sentido dentro de *Grande sertão: veredas*, demonstrando mais uma vez a vasta riqueza da obra e seu caráter infinito de interpretações. Ao interpretarmos uma obra ainda inédita (a cantata cênica), entendemos que nossos estudos contribuem para o avanço no que diz respeito à interpretação da obra rosiana apontando para outras formas, outros sentidos, além de promover o contato com outras esferas de interdisciplinaridade.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Ao Programa de Pós Graduação em Letras/Estudos Literários – PPGL/Unimontes, o qual possibilita o aprofundamento em minhas pesquisas e incômodos no campo literário.

A todos os professores que compõem o programa de Pós-Graduação (PPGL) da Unimontes.

A minha orientadora, Professora Telma Borges; anjos de luz que me conduz por essas travessias resvalosas.

Aos todos colegas do mestrado.

À Patrícia Moreira, pelo auxílio, paciência e companheirismo.

Ao grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Literatura e afins – Nonada.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Luís, Apresentação. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e música – modulações pós-coloniais*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 09-16.

ENCICLOPÉDIA DO GRANDE SERTÃO. Disponível em: www.grandesertãorosa.com. Acesso em: 25/03/2017.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e música – modulações pós-coloniais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro et. al. (Orgs.). *Literatura e música*. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PLAZA, Júlio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: CNPq, 1987.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTAELLA, M. L. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SCHAFFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. Trad. Marisa Trenc de O. Fonterrada. São Paulo: UNESP, 1997.

VALLE, Raul; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Ser Tão dentro da gente* (cantata cênica – original manuscrito). Campinas, 1994. (material inédito).